

ATUAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL NAS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS URBANAS: APROXIMAÇÕES COM O CAMPO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS

OLIVEIRA, Sara Monise de - saraoliveira_ea@yahoo.com.br

OLIVEIRA, Haydée Torres de - haydee@ufscar.br

Resumo: Diante da crescente problemática ambiental urbana, a Educação Ambiental (EA) para além do âmbito escolar é fundamental para o amplo envolvimento da sociedade no fortalecimento da cidadania e na construção da sustentabilidade. Assim, este relato traz um diagnóstico de ações sócio-educativas de organizações da sociedade civil participantes de um projeto socioambiental em São Carlos/SP. O objetivo foi *identificar as relações existentes ou que poderiam ser estabelecidas entre a atuação das organizações e a temática ambiental*. Os resultados foram obtidos mediante a técnica de *grupo focal* e para a interpretação dos dados foram utilizados princípios da *análise da conversação*. Destacamos como resultado principal o potencial que as organizações comunitárias, com diferentes atuações, apresentam para o campo da EA não escolar. Contudo, ressaltamos a necessidade de reflexão sobre as aproximações e distanciamentos com o campo já consolidado da EA, para que a apropriação dessa temática contemple cada vez mais a postura crítica e reflexiva.

Palavras-chave: Educação Ambiental Popular. Ambiente urbano. Cidadania.

Abstract: Given the growing problem of the urban environment the Environmental Education (EE) in addition to the school is essential to the broad involvement of society in the strengthening of citizenship and the sustainability development. In this way, this report presents a diagnostic about socio-educational activities developed by civil society organization that participated in a socioenvironmental project at São Carlos/SP. *The goal was to identify what relationships were there or could be grow between organization practices and environmental subject*. The results were collected using focal groups technique and principles of conversation analyses were used to do the analyses. The mean result emphasize the potential of different community organizations to no-school EE. Although we point it is necessary to reflect about similarities and differences with EE field established for more critical and reflexive appropriation of this subject.

Keywords: Popular Environmental Education; Urban environmental; Citizenship

Introdução

Devido aos grandes problemas ambientais recorrentes principalmente nas cidades de médio e grande porte de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, a *problemática ambiental urbana* tem se tornado pauta para discussão em sociedades de todo o mundo. Para abordar essa temática, consideramos importante destacar três aspectos da perspectiva de sustentabilidade que vem sendo construída pelos países da América Latina e povos oprimidos, que evidenciam princípios por nós adotados.

O primeiro, é que é necessário um posicionamento crítico frente aos modelos de desenvolvimento incentivados pelos governos e agências de desenvolvimento dos países desenvolvidos, que são reproduzidos internamente no país sem que haja solução de problemas relativos à pobreza, degradação ambiental e legitimação da democracia (LARRAÍN; LEROY; NANSEN, 2002). O segundo, é que a sustentabilidade requer um olhar ampliado para as relações existentes no espaço urbano, caracterizadas pela segregação e injustiça ambiental, sendo importante entender a distribuição desigual dos problemas e benefícios ambientais na sociedade nos espaços físicos e entre grupos sociais (ACSELRAD, HERCULANO; PÁDUA, 2004). Por fim, é fundamental dar atenção especial às forças que emanam dos grupos oprimidos na busca da transformação dessas realidades urbanas para conseguir maior qualidade de vida (BRANDÃO, 2005; OLIVEIRA, 2004) e maior ampliação e fortalecimento dos espaços democráticos (ARROYO, 1987).

São essas forças sociais que estarão em foco na discussão deste artigo. Porém, primeiramente apresentaremos algumas questões relativas à formação do espaço urbano e suas resultantes socioambientais, determinantes para a consolidação de um padrão de cidade que enfrenta nos dias de hoje inúmeros problemas ambientais e que não garante a qualidade de vida para a maioria da população.

Os conflitos socioambientais urbanos

O Brasil destaca-se por ter sofrido um dos processos mais rápidos de urbanização do mundo, em que a população urbana passou de 46% em 1940 para 80% em 1996, devendo chegar a 88% em 2025 (JACOBI; MONTEIRO, 2005). Este fato está relacionado com o processo de industrialização, bastante evidente no estado de São Paulo, que atingiu em um primeiro momento a capital e cidades vizinhas e a partir do final da década de 1960, cidades organizadas em importantes eixos viários (DEVESCOVI, 1985).

É neste segundo movimento de industrialização e urbanização que São Carlos, ganhou destaque no cenário estadual, conectando pólos industriais com pequenos núcleos e recebendo mão de obra de outros locais, unificando o mercado e homogeneizando o espaço econômico. Dessa forma, o município é considerado tipicamente urbano, com 94% residente na cidade, que ocupa apenas 5 % de seu território (SÃO CARLOS, 2002).

Esse modelo de crescimento urbano veio acompanhado pela deterioração da qualidade de vida, principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil (JACOBI, 2005). Moradia, saneamento básico, resíduos sólidos, poluição do ar, violência, desemprego, educação entre outros, tornaram-se grandes entraves para a qualidade de vida no ambiente urbano. Outro aspecto importante dos processos de urbanização ocorridos no Brasil é a segregação sócio-espacial, em que o espaço urbano em expansão não se configura de forma homogênea (PEREIRA, 2001, JACOBI, 2000).

Esse fenômeno é encontrado em São Carlos, com início na década de 50 (DEVESCOVI, 1985) e intensificação nas décadas seguintes, delimitando áreas com concentração de pobreza e riqueza (SÃO CARLOS, 2002, p.15). A região da micro-bacia hidrográfica do córrego Água Quente, em que se deu este estudo, é uma destas áreas da cidade que concentra grande parte da população mais pobre. Ela foi uma das que mais se urbanizou e cresceu nos últimos 30 anos no município, sofrendo inúmeros impactos ambientais (SÃO CARLOS, 2002). No Plano Diretor do município uma grande região em que está inserida a área de estudo é considerada como Zona de Recuperação e Ocupação Controlada, pois é caracterizada por fragilidades sociais e ambientais (SÃO CARLOS, 2005).

O que a literatura tem indicado é que, de maneira geral, em áreas de periferia os problemas ambientais estão relacionados ao mau planejamento do processo de urbanização, que segue uma lógica predatória, como parte do modelo de desenvolvimento em que nossa sociedade está se balizando. Desta forma, concordamos com Acselrad, Herculano e Pádua (2004, p.10) ao afirmarem que:

[...] as gigantescas injustiças sociais brasileiras encobrem e naturalizam um conjunto de situações caracterizadas pela desigual distribuição de poder sobre a base material da vida social e do desenvolvimento. A injustiça e a discriminação, portanto, aparecem na apropriação elitista do território e dos recursos naturais, na concentração dos benefícios usufruídos do meio ambiente e na exposição desigual da população à poluição e aos custos ambientais do desenvolvimento.

Portanto, mais do que pensar a problemática ambiental urbana como um problema da cidade, temos que refletir sobre ela como um problema da nossa sociedade, em que os direitos de cidadania não são minimamente garantidos, incluindo o “[...] direito ao ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida [...]” (BRASIL, 1988).

O papel das organizações da sociedade civil nos conflitos socioambientais e o processo educativo.

As organizações da sociedade civil possuem um papel muito importante em nossa sociedade, no que diz respeito à construção e exercício da cidadania. Segundo Scherer-Warren (2006, p. 110)

[...] a sociedade civil é a representação em vários níveis de como os interesses e valores da cidadania se organizam em cada sociedade para encaminhamento de suas ações em prol de políticas sociais e públicas, protestos sociais, manifestações simbólicas e pressões políticas.

Dentre as reivindicações presentes em organizações e movimentos sociais atuantes no Brasil e no mundo, está o direito ao ambiente saudável e à qualidade de vida. As discussões sobre a questão ambiental tiveram grande importância para se repensar criticamente a cidadania, pois incluíram as relações entre indivíduos e sociedades com a natureza nas reflexões éticas, estéticas, políticas e econômicas, assumindo a responsabilidade para com a natureza e as gerações vindouras (SANTOS, 2005).

Dessa forma, Loureiro (2002, p.76) afirma que o conceito de Ecocidadania ou Cidadania Planetária é utilizado para

[...] expressar a inserção da ética ecológica e seus desdobramentos no cotidiano, em um contexto que possibilita a tomada de consciência individual e coletiva das responsabilidades tanto locais e comunitárias quanto globais,

tendo como eixo central o respeito à vida e a defesa do direito a esta em um mundo sem fronteiras geopolíticas.

Em primeira instância a preocupação com as relações entre indivíduo-sociedade-natureza é associada a grupos com o foco específico na temática ambiental, que organizados e compartilhando um ideário mais ampliado são e se reconhecem como Movimento Ambientalista. Contudo, apesar do foco desse movimento ser a questão ambiental, sua complexidade faz com que seja difícil defini-lo sinteticamente ou como um movimento único (BRANDÃO, 2005). Como exemplo de possibilidades de inserção da temática ambiental em lutas sociais destaca-se os movimentos sociais no campo e indígenas, que vêm buscando inserir em suas pautas questões relacionadas à apropriação desigual dos recursos naturais, à retomada de seus meios de produção, ao resgate cultural e à construção de uma ética ambiental para uma renovação de suas práticas de cultivo (LEFF, 2000).

Esta permeabilidade dos movimentos sociais, populares e sindicais à preocupação ambiental apenas ganhou força a partir da década de 1990. Até a década de 1980 a temática ambiental era considerada exógena e de classe média, havendo, portanto, bastante resistência de articulação entre movimentos populares e sindicais com organizações essencialmente ambientalistas (CARVALHO, 2001). Loureiro (2006) afirma que de uma maneira geral há uma tensão interna aos movimentos sociais no que diz respeito à coalizão e aglutinação de forças em busca de objetivos comuns, que dificulta a articulação entre organizações, resultando cada vez mais em isolamentos e ações extremamente localizadas das organizações comunitárias

Contudo, Carvalho (2001, p.51) ressalta que o encontro entre movimentos sociais populares e ambientalistas resultou na maior ambientalização dos movimentos populares e na maior politização do movimento ambientalista, representando um marco histórico, o surgimento da abordagem socioambiental e afirma que:

[...] essas lutas/experiências socioambientais evidenciam a dimensão do conflito de interesses em torno dos bens ambientais e, ao mesmo tempo, a diversidade cultural através da qual o universo popular tem construído suas próprias vias de produção de sentidos sobre o 'ambiental'.

Esta contribuição registrada pela autora ilustra uma forma de buscar a ampliação da noção de direitos humanos e cidadania de uma postura centrada no ser humano para outra, que nos integra com a natureza. “[...] Esta é a direção em que os ‘direitos’ podem ser pensados em sua máxima extensão, para poderem ser exercidos em sua mais abrangente profundidade [...]” (BRANDÃO, 2005, p. 198).

Assim, a ampla difusão e incorporação da temática ambiental em organizações da sociedade civil em diferentes âmbitos e locais são fundamentais para o maior enraizamento de valores, princípios e práticas orientados para a construção de sociedades sustentáveis. A expressão pedagógica do ambientalismo, que busca a ampliação e transformação de concepções éticas, estéticas, de valores, saberes e conhecimentos, é a Educação Ambiental (EA).

Objetivo

O objetivo da pesquisa foi identificar as relações existentes ou que poderiam ser estabelecidas entre a atuação das organizações e da sociedade civil e a temática ambiental e discutir que papel a Educação Ambiental pode ter na construção e no fortalecimento da atuação das mesmas em seus contextos locais. Para tanto, foi feito um diagnóstico sobre a atuação de organizações da micro-bacia hidrográfica do córrego

Água Quente em São Carlos-SP que participaram entre os anos de 2005 e 2007 de um projeto socioambiental chamado *Projeto Água Quente*. Buscou-se identificar aspectos de suas ações sócio-educativas que indiquem aproximações e distanciamentos com o campo da EA.

Procedimentos metodológicos

Para conduzir a investigação consideramos importante proporcionar momentos de pesquisa que também pudessem representar espaços de reflexão e discussão coletiva sobre estes aspectos. Desta maneira, foi escolhida a técnica de grupo focal, uma modalidade de entrevista qualitativa em profundidade realizada com um grupo de pessoas. A entrevista qualitativa em profundidade fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e seus contextos (GASKELL, 2003) e quando realizada em grupo, permite que as/os participantes interajam entre si para a construção dos dados de forma coletiva e dinâmica. O contexto de grupo propicia o surgimento de informações e “insights” que dificilmente estariam acessíveis se considerássemos cada sujeito separadamente (MORGAN¹, 1991 citado por JOVCHELOVITCH, 2000), pois um pode lembrar uma informação ou desenvolver um raciocínio partindo da fala de outro.

Nesta pesquisa realizamos entrevistas com grupos formados por pessoas que já se conheciam. Foram selecionadas cinco das trinta e uma *organizações participantes do Projeto Água Quente*. Essa seleção se deu em outro momento da pesquisa, de acordo com os seguintes critérios: interesse em participar da pesquisa; a participação continua e desde o início no projeto; ter, preferencialmente, mencionado que sua atuação possui relações com a temática ambiental; e a diversidade de tipos de organizações do conjunto de grupos participantes. Dessa forma, cinco organizações foram convidadas para participar dos grupos focais, incluindo uma das instituições proponentes do Projeto Água Quente.

Para guiar a realização dos grupos focais foi elaborado um roteiro orientador da entrevista (GASKELL, 2003), com três temas gerais: 1) apresentação geral da pesquisadora, da auxiliar, das/os participantes e das idéias gerais da pesquisa; 2) apresentação e reflexão sobre a atuação da organização; 3) reflexões sobre as relações entre a atuação da organização e a temática ambiental. Realizamos uma primeira entrevista com cada organização e após a sistematização dos dados, sentimos a necessidade de promover um segundo grupo focal com cada uma para discutir as interpretações construídas sobre as informações fornecidas. As entrevistas duraram cerca de 1 hora e meia e todas foram gravadas em áudio. A maioria delas foi fotografada e registrada em um caderno de campo, com a devida permissão das/os entrevistadas/os.

Para acessar as informações registradas nos grupos focais foi necessário primeiramente fazer a transcrição do material em áudio, fazendo algumas adaptações para a linguagem escrita (ROSE, 2002), mas mantendo as características essenciais da língua falada principalmente do processo de conversação. Dessa forma, o material resultante utilizado para analisar e discutir algumas questões relevantes sobre a apropriação da temática ambiental por organizações populares é o texto conversacional (RODRIGUES, 2003). A análise da conversação é bastante pertinente, pois ao avaliar o

¹ MORGAN, D. *Focus groups as qualitative research*. London: Sage Publications, 1991.

processo de construção das idéias pode revelar conexões normalmente não captadas apenas por uma análise do conteúdo final (MYERS, 2003).

Este tipo de análise pode ser interessante no estudo da (re)construção de concepções ou representações sociais sobre meio ambiente ou natureza, por exemplo. Por possuir um caráter mais reflexivo, permite que o/a pesquisador/a avalie profundamente o tipo de situação criada, a orientação das/os participantes para com ela e seus próprios papéis nela como pesquisadoras/es (MYERS, 2003), o que pode trazer avanços importantes para o fortalecimento do campo da pesquisa em Educação Ambiental.

Contudo, dado o grande tempo necessário para uma análise aprofundada nesta modalidade, neste estudo focamos na identificação e discussão de trechos com a síntese ou acordo final da discussão de alguns tópicos no grupo focal. Em cada tópico discursivo identificado, buscamos os trechos que continham as informações mais significativas, os *turnos nucleares* (GALEMBECK, 2003) com valor de referência importante para a pesquisa. Neste artigo apresentaremos apenas um turno nuclear (Quadro 1) para ilustrar a metodologia de transcrição, leitura do material e análise, cujo detalhamento pode ser encontrado na dissertação de mestrado de Oliveira (2007).

Trecho 27 (Grupo Focal 2)	
1096	S1 <u>hoje em dia a gente tem mais consciência... se for... jogar um papelzinho de bala no chão a sua consciência vai doer eu acho... eu creio viu...</u> S3 (outro dia mesmo) <u>eu joguei um papel no chão eu falei... aí meu Deus do céu... eu me arrependi...</u> queria que meu marido voltasse ele não quis voltar... uma garrafa de água... <u>a gente sabe quanto demora uma garrafa de água para/... para/... quantos anos e anos para diluir né?... a gente vai morrer e a garrafa vai estar lá né?... então né?... hoje em dia...</u>
1101	S9 () dez anos que a minha () ... dura cinquenta anos
1105	S1 [na questão de reciclagem também... eu creio né?... S3 será?...
	S1 quanto tempo é?... vocês têm noção?...
	P nossa... eu não sei... você sabe auxiliar?...
	A não... são sei...
1110	S1 a garraf/... o plástico...
	P o plástico...
	SC ((conversas sobre as possibilidades de anos, muito baixo não é possível entender)) quinhentos anos...
	S1 <u>eu sei que é bem eterno além da nossa vida ((risos))</u>

QUADRO 1 - Exemplo seleção de turnos nucleares no material transcrito. A primeira coluna à esquerda, em que são escritos números, se refere à linha em que o trecho apresentado se encontra nos arquivos de transcrição original. A segunda coluna se refere à pessoa que proferiu a fala. Nessa coluna, a letra *P* é utilizada para identificar a pesquisadora; a letra *S* para os sujeitos entrevistados, sendo que junto à letra *S* é colocado um número para diferenciar cada sujeito entrevistado ou a letra *C* quando mais de dois entrevistados falam ao mesmo tempo, em coletivo. A coluna seguinte é a que contém o conteúdo das falas. Dessa forma cada seguimento em que é indicando o/a falante, representa um turno conversacional. Nos turnos nucleares estão grifadas as informações mais significativas para a pesquisa.

Resultados e discussão

Atuação ambiental das organizações participantes da pesquisa

As cinco organizações participantes da pesquisa possuem atuações bem distintas, de acordo com a breve descrição a seguir:

- **Coopercook** - Cooperativa de prestação de serviços de culinária que tem como objetivo central a geração de trabalho e renda. Além da prestação de serviços, atuam no desenvolvimento próprio com a capacitação das/os cooperadas/os e a busca pela articulação em redes de Economia Solidária;
- **Resgate Social** - grupo de rap, que tem como foco central a composição e apresentação cultural, acompanhada de trabalho sócio-educativo junto a sua comunidade. Tem como objetivos trabalhar a auto-estima do ser humano; oferecer oportunidades para as crianças, afastando-as das drogas e ações criminais; e trazer contribuições para o desenvolvimento social da comunidade da qual fazem parte.
- **Coral Rosa Mística** – grupo de canto litúrgico cujo objetivo é animar as missas e celebrações da Igreja a que pertence com cantos relacionados aos ensinamentos litúrgicos, trabalhando com a fé emotiva e atraindo mais pessoas para participarem e se comprometerem com a Igreja.
- **Conferência Santo Agostinho** – grupo de mútua ajuda membro da Sociedade São Vicente de Paulo, que atua com a promoção de pessoas e famílias em condições de carência material e espiritual para condições de vida melhores, por meio da caridade e da evangelização. Também atuam no desenvolvimento espiritual de seus próprios membros.
- **Teia – Casa de Criação** – é uma associação civil sem fins lucrativos que tem como objetivo geral a busca pelo desenvolvimento do ser humano, por meio da não expropriação e da diminuição da desigualdade social, contribuindo no exercício da cidadania e na qualidade de vida da sociedade. Atuam com projetos nas áreas de arquitetura e urbanismo, cultura, educação e meio ambiente.

Diante da abrangência da atuação das organizações estudadas foi possível identificar aspectos muito interessantes sobre o processo de apropriação da temática ambiental por organizações da sociedade civil. Algumas compartilharam de questões semelhantes, outras não. Dessa forma, serão apresentadas a seguir as relações da atuação de cada organização com o meio ambiente, registradas nos grupos focais, para refletirmos posteriormente sobre algumas questões que consideramos relevantes percebidas neste processo.

Coopercook

As entrevistadas da Coopercook afirmaram nunca haver desenvolvido coletivamente nenhuma atividade específica sobre meio ambiente na cooperativa, para além da participação no Projeto Água Quente. Porém, afirmam haver relações entre a atuação da cooperativa e o meio ambiente. Primeiramente uma das cooperadas mencionou a possibilidade de oferecer seus serviços para as pessoas que fazem parte do mesmo ambiente. Esse enfoque foi interrompido por outra cooperada, que direcionou a conversa para outro sentido. A relação que passou a ser discutida pelo grupo é referente à qualidade ambiental - produção de alimentos (matéria prima) - saúde - serviço prestado pela cooperativa, ou seja, na cadeia de produção e consumo de alimentos.

Acreditam que essa relação com o ambiente seja, portanto, indireta, pois não atuam diretamente na qualidade ambiental.

Resgate Social

Nos grupos focais realizados com a organização Resgate Social, os entrevistados mencionaram duas ações realizadas pelo grupo envolvendo a temática ambiental durante a participação no Projeto Água Quente. Em parceria com outras pessoas e grupos de rap criaram duas músicas. A primeira trata de questões como poluição, lixo, queimadas e outros problemas ambientais relacionando-os com o crescimento urbano de maneira geral e a segunda aprofunda a temática dando mais enfoque ao histórico específico do processo de urbanização da região. A letra da primeira música foi publicada em um boletim comunitário produzido pelo Projeto Água Quente e a segunda foi criada para ser parte da trilha sonora de um documentário² também produzido pelo Projeto.

Como, na entrevista com esse grupo, foi explicitada uma relação com outros grupos de mesma atuação e uma identificação com o movimento Hip Hop, perguntei se conheciam outros grupos de rap que já tivessem trabalhado com a questão ambiental em suas letras. Mencionaram que antigamente sim, dando um exemplo de um grupo que já tinha feito uma música envolvendo a questão ambiental há 12 ou 13 anos para alertar os/as DJs que compravam os discos de rap e jogavam fora as capas. Porém, mais recentemente e referente a grupos não tão famosos, afirmam não conhecer nenhum que fale sobre questões ambientais em suas músicas.

Ao serem questionados então sobre o que eles achavam de ter inserido a questão ambiental no rap, responderam que não esperavam cantar as músicas em momentos para além das ações do Projeto Água Quente, mas depois de tê-las feito consideraram que estavam boas e se identificaram com elas. Aprofundando esta questão, pudemos ver que a relação que a organização estabeleceu com a questão ambiental está diretamente condicionada a sua perspectiva de rap, que se dá no sentido de uma ação crítica e positiva com a realidade e com o seu público, tratando das questões da periferia, mas trabalhando mensagens de paz e de possibilidades novas para a comunidade.

Neste sentido, podemos interpretar que: as questões ambientais estão envolvidas com a realidade que falam em suas letras e que esta inserção na prática do grupo pode estar relacionada a uma característica do rap, mencionada pelos entrevistados, que é tratar sobre aspectos da vida real e, ao que parece, as práticas do Projeto Água Quente representaram momentos de ter experiências com a temática ambiental.

Coral Rosa Mística

Os membros do Coral Rosa Mística mencionaram como atividade sobre meio ambiente já realizada a Campanha da Fraternidade que no ano de 2004 teve como tema o meio ambiente. Durante a campanha os cantos litúrgicos eram específicos para a temática e conversas e orações nas casas das pessoas, também eram neste foco.

A Campanha da Fraternidade faz parte de uma programação de toda a Igreja Católica no Brasil, da qual a organização faz parte. Dessa forma o material orientativo utilizado no Coral e em outras ações da igreja é produzido por outra instância, podendo não refletir, necessariamente, um posicionamento do grupo frente às questões

² NA MARGEM. Documentário. Direção: Projeto Água Quente. Produção: Ponto D. Patrocínio Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. São Carlos, 2006. 24 minutos.

ambientais. Sendo assim, procurou-se entender um pouco melhor quais as relações da atuação do Coral Rosa Mística com a temática ambiental visualizadas pelo próprio grupo.

Em um dos turnos conversacionais selecionados observou-se que a entrevistada, que manteve o uso da fala durante esse trecho da conversa, afirma que existe uma relação entre a conscientização evangélica e a conscientização ambiental, pois acreditam que a natureza é uma criação de Deus e o trabalho litúrgico da Igreja é voltado para o respeito das pessoas com Deus. Portanto, as possibilidades visualizadas pelos entrevistados de trabalhar a questão ambiental na organização Coral Rosa Mística está no âmbito dos ensinamentos litúrgicos contidos nos cantos que animam as missas e celebrações, num sentido espiritual de respeito à criação de Deus. Esta relação mencionada parece mais próxima ao âmbito de valores.

Conferência Santo Agostinho

As/os entrevistadas/os da Conferência Santo Agostinho mencionaram ter sido feita uma atividade e também algumas conversas informais sobre a questão ambiental. A atividade educativa foi realizada pelo representante do grupo com a comunidade vicentina no Projeto Água Quente em um momento chamado “Manhã de formação”. As conversas informais aconteceram durante as atividades de visitas às famílias. Segundo o relato de outro participante, durante o percurso até as casas dos assistidos observaram alguns problemas que percebem no bairro, como uma grande erosão na nascente e isso lhes causou preocupação. Também comentaram que observam as condições do ambiente de moradia das famílias e deram como exemplo uma conversa informal que tiveram com um assistido sobre o desperdício de água que observaram na casa dele.

As/os entrevistadas/os afirmam que a relação da atuação da organização com a temática ambiental é fundamental para que o objetivo de promoção das famílias e pessoas se concretize, pois para que a pessoa viva bem ela tem que estar em um ambiente saudável. Estes relatos sugerem que as/os entrevistadas/os demonstram estar cientes da relação da problemática ambiental com o trabalho vicentino, contudo esta temática não parece ser trabalhada de maneira intencional e sistematizada no atuação cotidiana da instituição.

Teia - Casa de Criação

As/os entrevistadas/os da organização Teia - Casa de Criação mencionaram alguns projetos já desenvolvidos que envolveram questões ambientais. Primeiramente foram realizados alguns pequenos projetos urbanísticos pontuais em dois bairros pertencentes à mesma micro-bacia e levantamentos fotográficos em parte dela. Nesta mesma região também foi desenvolvido um Projeto de urbanização e de oficinas de mobilização popular. Segundo as/os entrevistadas/os no mesmo período em que estava sendo realizado esse último, iniciavam-se as discussões de um Projeto de Emancipação Popular, que não chegou a ser realizado, mas cujas discussões fundamentaram outros projetos, inclusive o Água Quente. Posteriormente foram realizados outros projetos: um de Análise Ambiental ainda da mesma micro-bacia, um de recuperação ambiental da região de outro córrego da área urbana de São Carlos, o Tijuco Preto, outros dois projetos de urbanização de favelas na região metropolitana de São Paulo e por fim o Projeto Água Quente.

Uma questão interessante que surgiu da apresentação sucinta destes projetos é que a apropriação da questão ambiental começou a se dar com mais clareza para o

grupo quando o mesmo sentiu a necessidade de refletir sobre as questões ambientais implicadas em projetos urbanísticos. Segundo o grupo, as áreas de periferia têm uma relevância especial neste sentido, pois nestas regiões os contrastes e conflitos são mais evidentes e acabam contribuindo significativamente para a percepção da dimensão ambiental presente nas questões urbanas e para a inserção dessa temática no trabalho da instituição.

Sendo assim, o grupo afirma que a temática ambiental nos trabalhos realizados pela organização é essencialmente relacionada às questões urbanísticas e que a formação em arquitetura e urbanismo da maioria das/os sócias/os condicionou em certa medida esse viés. Após estes projetos, a atuação ambiental da organização da instituição foi reconhecida por outras organizações ambientalistas do município e foi convidada para participar do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de São Carlos (COMDEMA) e do Coletivo Educador de São Carlos Araraquara Jaboticabal e Região (CESCAR).

Algumas questões relacionadas à apropriação da temática ambiental por organizações da sociedade civil

Um primeiro aspecto das falas a respeito de trabalhos ou discussões sobre meio ambiente, já realizadas pelas organizações e que nos chamou bastante a atenção, foi o nível pessoal e particular das repostas. Por exemplo, ações relacionadas ao meio ambiente que uma pessoa já havia realizado em sua vida, algumas em momentos antes mesmo desta pessoa fazer parte da sua organização, ou mesmo fazendo parte da organização, ações que dizem respeito ao seu universo particular.

É importante atentar para o que pode significar o fato de haver poucas referências a ações coletivas, pois isto nos parece indicar uma lacuna que vem sendo pouco percebida em processos de Educação Ambiental Popular (não escolar). A valorização desse aspecto é fundamental para que se cumpram alguns dos atributos da EA crítica que são: a construção coletiva de valores, concepções e ações (BRANDÃO, 2005; LOUREIRO, 2002; SCHERER-WARREN, 1996); a ampliação da concepção de cidadania e a atuação nos níveis individual e coletivo, não devendo um excluir o outro (TRATADO, 1995; BRASIL, 1999).

Jacobi (2007) traz como contribuição para o fortalecimento de processos coletivos na EA a análise do capital social. O autor faz um resgate do conceito, indicando seu potencial para abordagens que avaliem o papel das relações sociais no desenvolvimento local, na conquista por benefícios mútuos e no fortalecimento da democracia. Essa abordagem nos parece interessante para se refletir sobre ações de Educação Ambiental Popular, buscando compreender quais os valores, compromissos, laços de confiança que são essenciais para a motivação e viabilização de processos coletivos que beneficiem a comunidade e o ambiente em que está inserida.

Olhando esse conjunto tão diverso de organizações, nos questionamos também se há espaço para os diferentes interesses e objetivos de cada uma delas, tendo em vista que o recorte ambiental trabalhado pelo Projeto Água Quente é o da organização proponente. Podemos perceber que há a demanda de outros focos sobre o ambiental pelas organizações participantes do processo educativo em questão.

Nesse sentido, concordamos com Brandão (2005, p.161), quando diz que:

[...] de uma maneira vivida e co-participada, sempre que estou ‘às voltas’ com pessoas ou grupos sociais ‘participantes da questão ambiental’, eu me

vejo também às voltas muito mais com uma polissemia de vocações do que com um padrão único ou de algum modo dominante.

Portanto, tendo em vista o crescente desenvolvimento da EA com grupos populares diversos, consideramos ser relevante para a pesquisa aprofundamento das seguintes indagações: quais as possibilidades e limitações na criação de coletivos diversos em projetos que visam a ação educativa socioambientalista? Quais as estratégias necessárias para se trabalhar com a realidade complexa e diversa que se apresenta para as ações em EA com organizações da sociedade civil? Quais as formas de se criar espaços efetivos de discussão sobre objetivos e interesses entre assessorias e organizações populares, no tocante à temática ambiental?

Ainda no sentido da diversidade, é fundamental refletir sobre que implicações a apropriação da temática ambiental pode ter para o grupo, com relação a sua identidade com o movimento ou organização maior da qual faz parte e também ao público alvo das organizações. O que esses outros coletivos pensam sobre a incorporação da temática ambiental em uma organização que compartilha de sua identidade? A identidade do coletivo pode se alterar? Qual a aceitação do público com o qual as organizações ou movimentos trabalham nesta temática? Como trabalhar com esta temática? Em que medida os grupos se aproximam e se utilizam dos conhecimentos produzidos no campo da EA? Ainda neste artigo vamos refletir um pouco mais sobre esta última questão.

Aspectos da ação educativo-ambiental das organizações

Aprofundando o olhar sobre o material transcrito, pudemos perceber que o aspecto educativo está presente em todas as organizações, seja em ações direcionadas ao público participante ou aos próprios membros, no trabalho cotidiano do grupo. Sendo assim, a temática ambiental é apropriada pelos grupos nas ações pedagógicas como uma dimensão da educação, ou seja, ela se insere nas práticas educativas que o grupo já realiza.

Assim, percebemos que discutir a aproximação dessas ações com a EA é fundamental, pois a intencionalidade das mesmas e/ou a aproximação e identificação desses coletivos com o campo já constituído da EA são bastante incipientes, como também afirma Loureiro (2007, p.1):

Sem dúvida a luta pela educação, enquanto direito inalienável do ser humano, sempre esteve associada às reivindicações mais clássicas dos movimentos sociais, no entanto, a incorporação da temática ambiental como uma ‘bandeira de luta’ é bem mais recente, e mesmo quando ocorre, isto não significa um envolvimento direto com a Educação Ambiental.

Apesar do enfoque educativo das ações ambientais das organizações estar presente na fala das/os entrevistadas/os, apenas a organização proponente do Projeto Água Quente nomeou duas de suas atividades como ações de Educação Ambiental, as outras organizações utilizaram principalmente os termos educação e conscientização. Mesmo assim, algumas pessoas da organização proponente, se referiram às ações do Projeto Água Quente, mais no sentido de educação e participação, do que de EA.

Da mesma maneira, este termo também não foi utilizado nenhuma vez pelas/os entrevistadas/os das outras organizações para se referir ao Projeto Água Quente. Alguns trechos explicitam esta questão, mostrando inclusive o caráter informal das ações educativas, que vão sendo aos poucos incorporadas nas práticas sociais desenvolvidas

pelas organizações, à medida que estas reconhecem o aspecto educativo de suas relações com as pessoas com as quais trabalham.

Mesmo não havendo a utilização do termo Educação Ambiental pelas pessoas entrevistadas, podemos considerar que as ações citadas nos grupos focais envolvem tanto o caráter educativo, quanto o ambiental. Segundo Brandão (2005), isto é comum tanto nos movimentos sociais, incluindo o ambientalista, como em instituições de estudo e de ações sociais motivadas pela questão ambiental, que em algum momento de suas agendas estão sempre formando, treinando ou educando pessoas. Sendo assim, concordamos com o Brandão (2005, p.180) quando afirma que

No interior do amplo circuito de atividades, através das quais conhecimentos, valores, identidades e práticas de atuação estão sendo negociados e transmitidos, segundo alternativas pedagógicas muito variadas, o que há em comum é que se está trabalhando o 'ambiental' por meio de alguma forma de interlocução entre pessoas, e pelo emprego de alguma metodologia de ensino-aprendizagem.

Portanto, consideramos relevante destacar os elementos da ação educativa que contempla a temática ambiental desenvolvida pelas organizações e que possam indicar aproximações e distanciamentos com campo da EA, buscando explicitar aspectos importantes para que a mesma seja apropriada de maneira crítica na atuação das organizações.

Considerações finais

Com esta pesquisa pudemos levantar alguns questionamentos importantes de serem refletidos em processos de Educação Ambiental com grupos comunitários para que possam se apropriar da temática ambiental de maneira intencional e crítica. Assim, consideramos essencial para o campo da pesquisa em EA e organizações da sociedade civil compreender *de que maneira as experiências pessoais e coletivas se articulam no processo de inserção dessa temática na atuação da organização e qual o papel dos processos educativos nessa transposição das experiências individuais para as experiências do conjunto da organização.*

Acreditamos que espaços de diálogos entre as diferentes perspectivas de atuação com a temática ambiental, no intuito de delimitar diferentes “recortes do ambiental” e construir objetivos comuns estimulem a apropriação no nível coletivo, como pudemos observar com mais propriedade no caso do grupo Resgate Social. A presença do caráter educativo nas ações das organizações potencializa a possibilidade dessas realizarem ações identificadas com a EA, pois muitos elementos são comuns às práticas realizadas, ampliando os caminhos para a construção da uma cidadania planetária.

Sendo assim, destacamos a necessidade de um maior aprofundamento teórico-reflexivo sobre práticas de Educação Ambiental e de Educação Popular (OLIVEIRA, 2008), de modo a contribuir para a apropriação da temática ambiental de maneira crítica na atuação sócio-educativa de indivíduos e coletividades. Destacamos também a necessidade de estudos que envolvam em uma perspectiva ampliada os vários atores sociais na constituição de redes que promovem a luta pela ampliação das noções de cidadania e democracia, em busca da construção de outros projetos de sociedade, ambientalmente responsáveis e socialmente equitativos, que garantam maior qualidade de vida em diferentes ambientes, incluindo-se aí o ambiente urbano.

Referências bibliográficas

ACSELRAD, H.; HERCULANO, S.; PÁDUA, J. A. Justiça ambiental e a dinâmica das lutas socioambientais no Brasil: uma introdução. In: _____. *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Ford, 2004. cap. 1, p. 9-20.

ARROYO, M. G. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, E. ARROYO, M. G.; NOSELLA, P. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 4.ed. São Paulo: Cortez, 1987. cap. 2, p. 31-80. (Coleção Questões da Nossa Época, 19).

BRANDÃO, C. R. *As Flores de abril: movimentos sociais e educação ambiental*. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Educação Contemporânea).

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Institui a política nacional de educação ambiental e da outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 28 abr. 1999. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=28/04/1999&jornal=1&pagina=41&totalArquivos=199>> Acesso em: 20 maio 2011

_____. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Capítulo VI – Do meio ambiente, artigo 225. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos, 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acessado em: 20 out. 2010

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental e Movimentos Sociais: elementos para uma história política do campo ambiental. *Rev. Educação: Prática e Teoria*. Rio Claro, v. 9, n. 16 e 17, p. 46-56, jan-jun, jul-dez 2001.

DEVESCOVI, R. C. B. *O Processo de produção do espaço urbano e da segregação sócio-espacial: um estudo sobre a cidade de São Carlos*. 1985. 261 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação EAESP/FGV, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1985.

JACOBI, P.R. *Cidade, ambiente e sustentabilidade*. [S.l.: s.n] 2005. Disponível em <<http://www.baciasirmas.org.br/doc/cidade%20ambiente20%20sust.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

_____. *Cidade e ambiente: percepções e práticas em São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2000.

JACOBI, P. R.; MONTEIRO, F. Capital Social. In: Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. FERRARO-JUNIOR, L. A. (Org.) Brasília: MMA Departamento de Educação Ambiental, 2007. Volume 2, p. 47-57.

GALEMBECK, P.T. O Turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003. p. 65-92. (Projetos Paralelos, 1).

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Coord.). *A Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 64-89.

JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais da esfera pública: a construção dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LARRAÍN, S.; LERROY, J. P.; NANSEN, K. Conceptualizando la sustentabilidad desde la perspectiva del Sur. In: _____. *Cono Sur sustentable: aporte ciudadano a la construcción de sociedades sustentables*. [S.l.: Fundación Heirich Böll, 2002. cap. 4. p. 111-152.

LEFF, H. O Movimento ambientalista e a democracia na América Latina. In: _____. *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Tradução SILVA, J. E. Blumenau: Ed. da FURB, 2000. p. 301-331. (Coleção Sociedade e Ambiente, v.5).

LOUREIRO, C.F.B. Grupos de discussão: pesquisa em educação ambiental e movimentos sociais. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 4., 2007, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro: UNESP, 2007. p. 1-3.

_____. *O Movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

_____. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRAGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (Org.) *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 69-98.

MYERS, G. Análise da conversação e da fala. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Ed.). *A Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 271-292.

OLIVEIRA, H. T. Popular education and environmental education in Latin America: converging paths and aspirations In: GONZÁLEZ-GAUDIANO, E.; PETERS, M. *Environmental education: identity, politics and citizenship*. 1 ed. Amsterdam: Sense Publishers, 2008. p. 219-230.

_____. Referências históricas e tendências atuais do movimento ambientalista e da educação ambiental em São Carlos, S.P. In: ENCONTRO SOBRE AMBIENTE E SOCIEDADES: como as políticas públicas podem ajudar na conservação ambiental e na diminuição das desigualdades de gênero? 1, 2003, São Carlos. *Anais...* São Carlos: PMSC / SMDS / SMCAS / UNESCO, 2004. p. 20-23.

OLIVEIRA, S. M. Educação ambiental e organizações da sociedade civil da bacia hidrográfica do córrego Água Quente (São Carlos/SP): compreendendo a incorporação da temática ambiental em suas ações sócio-educativas. 2007. 150 p. Dissertação (mestrado em Ecologia e Recursos Naturais) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2007.

PEREIRA, G. A Natureza (dos) nos fatos urbanos: produção do espaço e degradação ambiental. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, n. 3, p. 33-51, jan.- jun. 2001.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003. p. 15-38. (Projetos Paralelos, 1)

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Ed.). *A Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 343-364.

SANTOS, M. E. V. M. *Que cidadania? Lisboa: Santus-Edu, 2005. (Trilogia Que educação? Para que cidadania? Em que escola? Tomo II)*

SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos. Lei nº 13.691, de 25 de novembro de 2005. Institui o plano diretor do município de São Carlos e dá outras providências. *Jornal Primeira Página*, São Carlos, 26 nov. 2005. p. 1-20.

_____. Prefeitura Municipal de São Carlos. CONFERÊNCIA DA CIDADE: processo de elaboração do plano diretor do município de São Carlos, 1., São Carlos, 2002.1 CD-ROOM.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.2, n.1, p. 109-130, jan. – abr. 2006.

_____. *Redes de movimentos sociais*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

TRATADO de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global. In: VIEZZER, M.L.; VALLES, O. *Manual latino-americano de educação ambiental*. São Paulo: Gaia, 1995. p. 29-35.